



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
IEAD – Instituto de Educação a Distância

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES E
INTERCULTURAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

ATENIAS LIMA DE MESQUITA

**RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: COMBATENDO A
DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM SALA DE AULA NA ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL DAU ALBERTO NO MUNICÍPIO DE MADALENA - CE**

MADALENA/ CE

2022

ATENIAS LIMA DE MESQUITA

**RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: COMBATENDO A
DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM SALA DE AULA NA ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL DAU ALBERTO NO MUNICÍPIO DE MADALENA - CE**

Relatório de intervenção didático-pedagógica: combatendo a discriminação racial em sala de aula na escola de Ensino Fundamental Dau Alberto no Município de Madalena – Ce, apresentado ao Curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio do Instituto de Humanidades da Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), como requisito parcial à obtenção da certificação de especialista em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio.

Orientadora: Professora Dra. Fátima Maria Araújo Bertini

MADALENA/ CE

2022

ATENIAS LIMA DE MESQUITA

**RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: COMBATENDO A
DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM SALA DE AULA NA ESCOLA DE ENSINO
FUNDAMENTAL DAU ALBERTO NO MUNICÍPIO DE MADALENA - CE**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora da Universidade Da Integração
Internacional da Lusofonia Afro brasileira (UNILAB),
para a obtenção da certificação de especialista em
Metodologias Interdisciplinares e Interculturais
para o Ensino Fundamental e Médio.**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fátima Maria Araújo Bertini
Orientadora

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira
Examinador 1

Prof. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya
Examinador 2

RESUMO

Entende-se que a escola é um ambiente formador e transformador com potencial para construir ou desconstruir identidades, representações culturais, étnicas, sociais, entre outras. As ações de intervenção elencadas neste projeto foram direcionadas à turma de 4º ano, com 36 alunos, da Escola de Ensino Fundamental Dau Alberto, localizada no Distrito de Cajazeiras em Madalena/Ceará. Traz como objetivo principal, proporcionar uma intervenção em sala de aula com ações que produzam o rompimento de discriminação racial e valorização da identidade da criança negra, e, como objetivos específicos: promover círculos de conversa colaborativa sobre a identidade negra de forma a resgatar e valorizar memórias africanas na escola e na família dos estudantes; identificar os diversos traços da cultura africana na comunidade escolar; e, despertar e adquirir a consciência do respeito e fortalecimento do empoderamento do(a) aluno(a) negro(a). As atividades proporcionadas justificam-se pelas inquietações dos contextos e relações dos estudantes quanto a discriminação racial em sala de aula. A problemática se origina do comportamento que discrimina e exclui crianças negras em sala de aula, assim, pergunta-se: como promover o respeito e a conscientização ao direito da identidade negra de todos, transformando a sala de aula em um espaço integrador e saudável? Partindo dessa preocupação, a intervenção desenvolveu ações com recursos textuais, visuais e digitais que permitiram por meio de práticas interdisciplinares a interligação de conhecimento de História, Geografia, Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso agregado aos conhecimentos interculturais, com ênfase na história da África e cultura afro-brasileira, promovendo reflexões, discussões, comparações, interações e produções conjuntas que valorizassem a identidade do aluno(a) negro(a), com possibilidades de contribuição significativa para a formação dos educandos no ambiente escolar e no familiar.

Palavras-chave:

Racismo. Discriminação racial. História da África. Sala de aula. Intervenção didático-pedagógica.

ABSTRACT

It is understood that the school is a formative and transforming environment with the potential to build or deconstruct identities, cultural, ethnic and social representations, among others. The intervention actions listed in this project were aimed at the 4th grade class, with 36 students, from the Dau Alberto Elementary School, located in the District of Cajazeiras in Madalena/Ceará. Its main objective is to provide an intervention in the classroom with actions that produce the break with racial discrimination and valorization of the black child's identity, and, as specific objectives: to promote circles of collaborative conversation about black identity in order to rescue and value African memories at school and in students' families; identify the different traits of African culture in the school community; and, awakening and acquiring awareness of respect and strengthening the empowerment of black students. The activities provided are justified by the concerns of the contexts and relationships of students regarding racial discrimination in the classroom. The problem stems from the behavior that discriminates and excludes black children from the classroom, thus, the question is: how to promote respect and awareness of the right to black identity for all, transforming the classroom into an integrative and healthy space? Based on this concern, the intervention developed actions with textual, visual and digital resources that allowed, through interdisciplinary practices, the interconnection of knowledge in History, Geography, Portuguese Language, Arts and Religious Education added to intercultural knowledge, with an emphasis on the history of Africa and Afro-Brazilian culture, promoting reflections, discussions, comparisons, interactions and joint productions that valued the identity of the black student, with possibilities of significant contribution to the education of students in the school and family environment.

Key words:

Racism. Racial discrimination. History of Africa. Classroom. Didactic-pedagogical intervention.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Percurso (auto)biográfico da autora	8
1.2	Contextualização da escola objeto da intervenção e quadro funcional	9
1.3	Contextualização e perfil da turma objeto do projeto de intervenção	13
2	FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO	14
2.1	Referencial Teórico	17
2.2	Interdisciplinaridade e Interculturalidade	18
3	RELATO DA AÇÃO DE INTERVENÇÃO: definição e execução do projeto de intervenção didático-pedagógica	23
4	RESULTADOS E AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	27
	REFERÊNCIAS	38
	ANEXO A – Recursos audiovisuais	40
	ANEXO B – Carta de Apresentação	41

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o Brasil é o país com a maior população negra fora da África, no entanto, essa população, mesmo sendo majoritária, sofre com a desigualdade e inferiorização imposta, além do preconceito racial, o racismo estrutural, institucional, entre outros. Isso acontece, porque, mesmo havendo “igualdade” jurídica, há mecanismos informais e enraizados de discriminação que usam o conceito de raça para segregar, oprimir, marginalizar e violentar, bloqueando o acesso da pessoa negra à cidadania de fato.

Assim sendo, é possível observar que, o racismo e a discriminação, ainda ocorre também, dentro da escola, podendo manifestar-se de maneira nítida e explícita ou de maneira disfarçada.

Este Projeto de intervenção didático-pedagógica faz parte do curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, tendo como tema escolhido: Combatendo à discriminação racial em sala de aula.

O projeto buscou desenvolver com os alunos do 4º Ano do Ensino Fundamental da Escola Dau Alberto, em Madalena-Ce, atividades que promovessem o conhecimento e reflexão sobre a história da África e cultura africana e afro-brasileira, bem como, a identidade e valorização do afro-brasileiro, promovendo atividades que permitissem ao aluno, sentir, ouvir, tocar, vivenciar a cultura africana e afro-brasileira por meio de suas músicas, instrumentos musicais, contos, histórias pessoais, culinária e fotografias que os representassem.

A turma descrita foi escolhida com base em observações diárias sobre a convivência e socialização destes, no ambiente escolar. Foi fácil perceber nesse cenário, que apesar de ser uma turma onde boa parte dos estudantes e das estudantes são negros e negras e todos e todas têm pessoas negras dentro de casa (família e parentes próximos), o que se vê com frequência de uma forma “disfarçada”, são algumas crianças brancas, pardas e até negras que, ao serem questionadas, não se consideram negras, excluindo (escolhendo lugares distantes na sala de aula, se recusando a brincar com colegas negros e negras), discriminando com apelidos pejorativos, agredindo verbalmente, e ainda, crianças negras que se envergonham ou negam sua cor por sofrerem tal violência em seu cotidiano.

Este trabalho, traz como objetivo geral, proporcionar uma intervenção em sala de aula com ações que produzam o rompimento de discriminação racial e a valorização da identidade da criança negra. E como objetivos específicos, temos: promover círculos de conversa colaborativa sobre a identidade negra de forma a resgatar e valorizar memórias africanas na escola e na família do/as estudantes; identificar os diversos traços da cultura africana na comunidade escolar que podem ser encontrados hoje, em vários aspectos da cultura brasileira, tais como, a música popular, religião, culinária, o folclore e as festividades populares; e, despertar e adquirir a consciência do respeito e fortalecimento da identidade e do empoderamento do aluno negro e da aluna negra.

A razão para a realização da intervenção, se deu a partir de tais problemáticas que surgiram por meio da observação e experiência no ambiente escolar e sala de aula, através de observações constantes neste espaço, pois entende-se que, o racismo é uma prática ainda muito presente nas relações sociais, sendo reproduzido constantemente nas relações do dia a dia dentro das instituições escolares.

Portanto, a abordagem do tema se justifica pelo fato de que ocorrem manifestações de preconceito e discriminação de diversas maneiras na sala de aula observada, por meio de agressões verbais, bullying, apelidos pejorativos, exclusão, entre outros. Logo, se faz necessário reflexões e intervenções significativas que combatam o racismo, que acaba perpassando os muros da escola, tendo em vista que, a sala de aula é um espaço importante que permite o desenvolvimento de ações que viabilizem a conscientização e reflexões a respeito das ações dos discentes, considerando que essas estão, por vezes, marcadas de preconceito e discriminações, que causam sofrimento e influenciam negativamente na formação da identidade do aluno que sofre essa violência em um ambiente que deveria ser integrador, respeitoso e acolhedor.

A problemática se originou do comportamento que discrimina e exclui crianças negras em sala de aula, assim, o projeto lançou o questionamento: como promover o respeito e a conscientização ao direito da identidade negra de todos, transformando a sala de aula em um espaço integrador e saudável? Partindo dessa preocupação, a intervenção desenvolveu ações com recursos textuais, artísticos, físicos, visuais e digitais que permitiram por meio de práticas interdisciplinares a interligação de conhecimento de História, Geografia, Língua Portuguesa, Artes, e Ensino Religioso,

dentre outras, agregado aos conhecimentos interculturais, com ênfase na história da África e cultura afro-brasileira.

Para tanto, para a efetivação e eficiência da intervenção, a proposta trouxe como aporte teórico basilar os autores e autoras Ivani C. A. Fazenda, Kabengele Munanga, Vanilda Alves da Silva, Flavinês Rebolo e Azoilda Loretto da Trindade, complementando trouxe a Lei Nº 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. Como recursos didáticos, a intervenção trouxe vídeos, contos e textos, e ainda, empregou para discussão, rodas de conversas, pesquisa direcionada, apresentação oral, dramaturgias e artes visuais dentre outros artefatos.

Portanto, espera-se que estas primeiras experiências no espaço escolar tenham influenciado comportamentos e atitudes nos estudantes e nas estudantes, gerando produção de novos significados no meio escolar e na comunidade a qual são pertencentes.

1.1 Percurso (auto)biográfico da autora

Esse projeto de Intervenção Didático-Pedagógica teve como autora, eu, Atenias Lima de Mesquita. Sou professora da Educação Básica da Rede Pública de Ensino do Município de Madalena-Ce, tenho Formação em História e Pedagogia, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e Especialização em História do Brasil pela Faculdade da Aldeia de Carapicuíba (FALC).

Leciono em turmas do Ensino Fundamental (anos iniciais) na Escola Dau Alberto, instituição onde foram desenvolvidas as ações desse projeto de intervenção.

No que se refere as primeiras expectativas (que foram superadas ao final) do Curso em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, compreendi sua importância quando conheci e entendi as abordagens intercultural e interdisciplinar no ensino/aprendizado dentro das instituições escolares, com a união da teoria e prática, que são essenciais para a formação de um bom professor.

É nesse contexto, que surge a motivação para a escolha do tema “Combatendo a discriminação racial em sala de aula”, que se deu a partir de observações feitas no ambiente escolar (corredores, pátio, sala de aula), onde, por vezes, tive a oportunidade de presenciar atitudes racistas e discriminatórias por parte de alguns estudantes, que verbalizaram o que pensavam, gerando conflitos e ações

desrespeitosas e violentas, resultando em sofrimento e efeitos devastadores na vida de quem sofreu a discriminação nesse ambiente. À vista disso, notei que tais conflitos influenciam diretamente na identidade da criança negra.

Nesse sentido, não podemos fechar os olhos para tais acontecimentos, considerando primeiramente que, a exclusão não dói somente naquele que vivencia, mas também, em quem presencia tal injustiça, movendo-me a intervir, com o propósito de cessar essa violência. Além disso, considerando que somos responsáveis por transformar pensamentos e ações através da educação, não podemos nos omitir diante de acontecimentos que oprimem, agredem, e desvalorizam o outro, por ser diferente.

Após essa reflexão, me senti na obrigação de contribuir na transformação de meus alunos, através da mediação em sala de aula com resultados que favoreceram o desenvolvimento pleno, dos educandos, fomentando um ambiente de relações mais justas e respeitadas.

1.2 Contextualização da escola objeto da intervenção e quadro funcional

A instituição escolhida para a realização da intervenção didático-pedagógica é a Escola de Ensino Fundamental Dau Alberto localizada no Distrito de Cajazeiras, S/N, Zona Rural do município de Madalena/Ceará, pertence ao NÚCLEO REGIONAL/CREDE 12, sediada em Quixadá, fazendo parte da rede pública da Secretaria Municipal da Educação de Madalena.

A instituição fica a 10 km da sede do município, e foi fundada no dia 21 de agosto de 1971, recebendo este nome por ter sido o senhor Dau Alberto, hoje falecido, o doador do terreno. Até a construção da escola citada, a comunidade não possuía nenhum prédio escolar, sendo esta, a primeira na comunidade.

Com o crescimento populacional da comunidade, surge a necessidade de um espaço físico educacional maior, pois inicialmente a escola dispunha apenas de duas salas de aula, que funcionavam de forma multisseriada, no entanto, com o passar dos anos mediante as necessidades, construíram outros espaços onde foi possível atender um maior número de alunos. É necessário ressaltar aqui, que atualmente, a escola ainda funciona com espaços físicos que não contemplam a necessidade de atendimento.

Durante sua trajetória, a instituição passou por diversas mudanças na sua estrutura física, curricular e pedagógica. Nos primeiros anos de sua fundação atendia aproximadamente um total de 70 alunos, seu corpo docente era constituído por pessoas simples, cuja formação acadêmica era incompleta. Tendo como processo pedagógico o método tradicional e não inclusivo. Porém, ao longo dos anos algumas transformações políticas e sociais fizeram com que tal processo fosse realizado de maneira mais democrática, abrindo assim um maior espaço para a participação da comunidade, tornando as ações pedagógicas mais significativas, eficientes e inclusivas.

É visível que, a E. E. F. Dau Alberto sempre foi, e é importante para a comunidade, pois desde sua fundação até os dias atuais, atende não apenas pensando na oferta de ensino aprendizagem, mas é um espaço destinado a ações comunitárias, sociais e até mesmo de cunho religioso.

Ratificando seu histórico, tem-se que, no ano de 2017 a escola passou a adotar uma proposta de Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido que tem como caráter tornar esse fazer pedagógico de forma contextualizada, onde a escola implementa uma postura política pedagógica que visa o desenvolvimento sustentável do semiárido, a educação do campo e para o campo, a promoção da equidade/igualdade de gênero e de uma cultura de paz na perspectiva da construção do bem viver.

Em 2018, através de um Projeto da Universidade Federal do Ceará (UFC), esta instituição recebeu a CARAVANA SOLIDÁRIA, ação essa que doou mais de 250 cestas básicas e kits escolares contemplando todas as famílias da escola. Em 2019, diante de todas as dificuldades apresentadas para a nova realidade que foi a PANDEMIA do Novo Corona Vírus, a instituição recebeu a classificação de Escola Nota 10, Premiação ENEL e Escola Apoiada no PROJETO COMUNIDADE PRESENTE (ITAÚ SOCIAL), ações essas que deram visão a instituição e principalmente aproximou e fortaleceu o vínculo família/escola. Faz parte dentro da esfera municipal de projetos e programas de formação continuada, como o Programa de Alfabetização na Idade Certa – PAIC, pois a escola participa de todas as ações do PAIC, faz parte ainda, do Projeto Contexto (Uma realização da Plataforma Educação Marco Zero, com financiamento da União Europeia e apoiadores), e Projeto Cactus. É atuante no Projeto Escola Nota 10, do Governo do Estado. O único projeto do Governo Federal que a escola participa atualmente, é o Mais Alfabetização.

No FNDE, a escola é contemplada com: PDDE, ESCOLA CONECTADA, PDDE CAMPO E PDDE EMERGENCIAL.

A escola atua em área rural, com predominância econômica voltada para agricultura de subsistência, criação de animais, principalmente de bovinos e caprinos, neste campo a comunidade conta com um posto de resfriamento de leite, adquirido através de associação comunitária no qual muitas famílias retiram sua subsistência, além disso, conta com pequenos comércios, e as demais famílias umas dispõem de aposentadoria e/ou são beneficiárias do Bolsa Família. Assim sendo, a escola atua em uma comunidade que tem uma população diversificada tendo como característica a desigualdade socioeconômica, onde a maioria das famílias não tem emprego que garanta renda fixa.

Culturalmente, a escola realiza em parceria com a comunidade os festejos juninos, onde são realizadas apresentações de quadrilhas, montagem de barracas temáticas e com comidas típicas, desfiles para escolha da rainha do milho, danças folclóricas entre outras atividades que fortalecem os vínculos escola comunidade.

Nota-se que a estrutura da escola, serve as necessidades da comunidade, não apenas no campo religioso (quando se refere a eventos ligados ao catolicismo), bem como, por vezes já houve realização de festas de casamento, aniversários, desfiles, serestas e habitualmente a escola promove eventos culturais com apresentações de grupos de estudantes, além das festas de conclusão de curso e culminância de projetos.

Todavia, a escola é composta por uma comunidade escolar bastante ampla, atendendo alunos de localidades circunvizinhas, como: Assentamento Umarizeiras, Salgado, Lagoa do Porco, Cacimba da Pedra, Ingá, Lagoa do Mato dos Lobos, Olho D'água dos Barros, Lagoa do Senador, Espinheiro, Barragem e a própria localidade de Cajazeiras.

Como supracitado, a escola atua em comunidade com uma população diversificada, que traz como característica a desigualdade socioeconômica, onde a maioria das famílias não tem emprego que garanta renda fixa.

As famílias atendidas pela escola residem em sua maioria em moradias de alvenaria, havendo no entanto, famílias residentes em casas de taipa sem acesso a saneamento básico e energia elétrica. Vivem basicamente da cultura de subsistência e/ou beneficiárias do Programa Bolsa Família.

No que diz respeito à participação das famílias na vida escolar de seus filhos,

avalia-se, como baixa participação, pois, estes só procuram a escola quando solicitados para encontro de pais e mestres ou em alguns momentos festivos. Cabe ressaltar que há casos em exceção, de pais que procuram os professores para acompanharem o desempenho de seus filhos, bem como, tem a participação de uma relevante parcela de pais na composição do Conselho Escolar e demais órgãos de colegiado existentes na instituição.

Os discentes atendidos pela escola são usuários do transporte escolar, ofertado pelo município.

No momento presente, quanto a estrutura, a Escola dispõe de 05 salas de aulas, 01 espaço de estudo (atualmente interditado) para os professores, pátio cimentado e descoberto, 01 sala para direção e equipe pedagógica, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 02 banheiros destinados ao uso dos alunos, 01 banheiro para uso dos funcionários.

Quanto ao quadro de servidores, os profissionais que exercem serviços nessa instituição totalizam 27, dividindo-se em Núcleo Gestor: Diretora, Coordenadora Pedagógica e Secretária escolar, Professores e Auxiliares de Serviços Gerais, Merendeira, Vigias, Cuidadores, Monitores de Transporte e Auxiliar Administrativo. Uma equipe dividida em 09 Professoras/es (05 homens e 04 mulheres), 01 Coordenadora Pedagógica de cor branca, Diretora de cor parda, 05 Auxiliares de Serviços Gerais, sendo 03 brancas, 01 parda e 01 negra, 01 Auxiliar Administrativo que se considera branco, 01 Secretária Escolar de cor parda, 04 Vigilantes, sendo 01 branco, 01 pardo e 02 negros, 04 Cuidadoras de cor não identificada, 03 Monitores de Transporte de cor branca e por fim, 03 Transportadores (Motoristas) sendo 01 branco, 01 negro e 01 pardo. Todos os funcionários da instituição, são adeptos do catolicismo.

Os professores da referida Escola possuem formação Superior de acordo com a sua área de atuação, sendo que, 04 possuem Especialização em suas áreas, os demais são graduados.

Todos se intitulam heterossexuais, brancos (05) e pardos (04), ou seja, há a ausência de professores negros. Destes, apenas 03 residem na comunidade local. O restante advém da sede e municípios vizinhos. Os mesmos participam de Formação Continuada de acordo com as turmas que atuam por meio do Programa MAIS PAIC ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação, bem como encontros formativos semestrais da Educação Contextualizada com os Agentes da Cáritas Diocesana de Cratéis, (ações do Projeto Contexto).

Quanto aos demais funcionários, uma grande parcela são moradores da própria comunidade, apenas 03 moram na sede do município. Com formação exigida para cada função, estes, eventualmente participam de formações ofertadas pela Secretaria Municipal da Educação, com acompanhamento de Psicólogos, Nutricionistas entre outros profissionais.

1.3 Contextualização e perfil da turma objeto do projeto de intervenção

A instituição atualmente conta com um quantitativo de 326 alunos/as matriculados no ensino convencional, distribuídos em 10 turmas nos níveis de Ensino Fundamental I e II e Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Nessa contextura, a instituição oferta as modalidades de Ensino Fundamental I (Anos Iniciais de 1º ao 5º ano) Ensino Fundamental II (Anos Finais de 6º ao 9º ano) com faixa etária de 06 a 18 anos, pois a escola não dispõe de turmas de correção idade/ano. Além dessas duas modalidades atende também, alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

O fluxo de alunos mantém-se consideravelmente estável. No ano de 2020, mesmo diante de um cenário atípico da educação, segundo a diretora, não houve nenhum abandono, há, porém, casos de famílias que se deslocam para outras regiões sem informe prévio a escola, retornado tempos depois, o que causa déficits de aprendizagem nos alunos e por muitas vezes atrasando a inserção de informações nos sistemas ao qual a escola está inserido (SIGE e EDUCACENSO).

No que se refere à Educação inclusiva, a escola atende alunos Portadores de Necessidades Educativas Especiais, sendo acompanhados por cuidadores na turma ao qual pertence. A escola não dispõe de turmas de AAE.

A intervenção didático-pedagógica de que trata esse projeto foi desenvolvida na turma de 4º Ano do Ensino Fundamental I que tem 36 alunos matriculados. No que se refere a cor, são 16 alunos de cor parda, 12 negros e 08 brancos. São adeptos do Catolicismo (cerca de 60%) e do Protestantismo (cerca de 40%).

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DO RELATÓRIO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

A intervenção quanto ao seu delineamento se constituiu como pesquisa-ação, que segundo Thiollent (1988), é considerada como uma investigação social com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou problema coletivo, devendo os pesquisadores e os participantes, estarem envolvidos de forma cooperante ou participante.

Fonseca (2002), fundamenta a pesquisa-ação trazendo pressupostos relevantes: participação planejada do pesquisador na ação; metodologia sistêmica; o objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto; o pesquisador adota uma atitude participativa e parceira com os outros sujeitos.

Considerando o aporte teórico, quanto aos procedimentos técnicos, as ações da intervenção se utilizaram de fontes bibliográficas e mídias documentais em suporte digital e online, assim, segundo Gil (2007) caracterizando-se da pesquisa bibliográfica e documental.

Partindo dos objetivos da intervenção, o projeto que teve como participantes a Professora Atenias Lima de Mesquita e uma turma de 36 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, metodologicamente aconteceu da seguinte forma:

Quadro 1: Planejamento da Intervenção

DATA	PROPOSTA	RECURSOS
12/novembro/2021	- RODA DE CONVERSA: o que conhecem da África e dos africanos? - Documentário: “África: localização, características gerais e consequências da exploração”, disponível em: <https://youtu.be/f35clAhOJO4>. - Tarefa de casa: pesquisa direcionada sobre a África.	Discurso Vídeo
17/novembro/2021	- Apresentação oral - Roda de conversa: vídeo “Cores e botas”, disponível em: <https://youtu.be/LI8EYEygU0o>.	Discurso Vídeo

	- Tarefa de casa: pesquisa junto aos parentes sobre os ancestrais da família.	
18/novembro/2021	- Apresentação oral. - Roda de conversa; vídeo de curta metragem: “A influência africana na cultura brasileira.”, disponível em: < https://youtu.be/lk-QEYRQG4M>. - Mostra de Instrumentos musicais de origem africana.	Discurso Vídeo Instrumentos musicais de origem africana
19/novembro/2021	- Documentário: “Personalidades Negras que fizeram história”, disponível em: <https://youtu.be/fv5De7A5cUY>. - amostra de diversos contos: “Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre”, de Janaina Amado; “As panquecas de Mama Panya”, de Mary e Rich Chamberlin; “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado; “O pequeno príncipe preto”, de Rodrigo França; “A África de Dona Biá”, de Fábio Gonçalves Ferreira; “Meu crespo é de rainha”, de Bell Hooks.	Documentário Contos Livros infantis
22/novembro/2021	- Debate e reflexão sobre identidade, discriminação racial, respeito e valorização de si e do outro. - Apresentação resumida da Lei Nº 7.716/1989 -Contação da história: “Pretinha de neve e os sete gigantes”, de Rubem Filho. - Vídeo: “Meu crespo é de rainha”, de Bell Hooks, disponível em:< https://youtu.be/B4XuuYOnVhQ > - Produção artística: enfeites para figuras impressas de cabelos afro.	Discurso Legislação Vídeo Artefatos diversos coloridos

Fonte: Dados da Intervenção/elaborado pela autora. 2021.

Seguindo cronologicamente o exposto no quadro 1, foram desenvolvidas atividades através de leitura, pesquisa, investigação, análise, comparação, discussão, debate, reflexão e socialização, onde iniciamos com uma apresentação clara e objetiva sobre a História do Continente Africano, com questionamentos a fim de conhecer os conhecimentos prévios dos alunos e alunas, criando um clima favorável para as discussões da temática destacando alguns conceitos referentes ao assunto em pauta. Apresentou-se músicas e danças afro-brasileiras, onde estes, se reconhecessem em algumas delas, e adquirissem interesse em conhecer as demais. Observamos também, fotos e documentários com manifestações culturais e religiosas do povo africano, levando-os a visualizarem muitas dessas manifestações no nosso dia a dia.

Em segundo momento, convidou-se a turma a realizar pesquisas entre os parentes sobre a origem e história da família de cada discente, com apresentações em roda de conversa na sala de aula, e ainda, foi promovido um momento de debate e reflexão sobre identidade, discriminação racial, respeito e valorização de si e do outro, de forma que compreendessem que é fundamental o respeito e a valorização de todas as culturas.

No momento subsequente, o ponto alvo foi a apresentação do curta metragem: “A influência africana na cultura brasileira”, finalizando com amostra de instrumentos musicais de origem africana, disponíveis na escola.

Como penúltimo momento da intervenção, foi exibido o documentário: “Personalidades Negras que fizeram história”, que traz a contribuição de pessoas negras importantes para a história e a literatura, e que ganharam espaço no projeto.

No último dia, teve um breve debate e reflexão sobre identidade, discriminação racial, respeito e valorização com a apresentação resumida da Lei Nº 7.716/1989. Todavia, a ênfase foi direcionada ao vídeo: “Meu crespo é de rainha” e a produção artística: enfeites para figuras impressas de cabelos afro.

Nesse cenário, cogitou-se também ao longo do percurso da intervenção a realização de roda de conversa com a turma e os pais dos alunos sobre o tema “Combatendo a discriminação racial em sala de aula”, onde faríamos a explanação da Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, oportunizando reflexões e discussões, buscando soluções em conjunto para a discriminação em sala de aula.

A fim de aprofundar o conhecimento e a valorização das origens africanas, cogitou-se ainda, orientar a turma a realizar apresentações para as demais turmas da escola, onde cada grupo ficaria responsável por representar a África através de apresentações planejadas e organizadas previamente com a turma, como, peça teatral, dança, música, desfile, culinária, encerrando com uma aula e apresentação de Capoeira ministrada por um profissional convidado, da Secretaria da Cultura do município, na quadra da escola, onde a turma executaria os movimentos da Capoeira. Todavia, essas últimas ações não foram realizadas por indisponibilidade de tempo, momento pandêmico e organização funcional da instituição.

Com o desenvolvimento das ações citadas, acreditamos ter atingido os objetivos propostos para esse projeto.

2.1 Referencial Teórico

Estudos apontam que a sociedade brasileira que tem como base o colonialismo europeu e de exploração com séculos de trabalho escravo, contudo, tem-se uma dívida discrepante com a população negra que constitui grande parte da população brasileira (OLIVEIRA, 2012).

O desenvolvimento da economia foi por 300 anos, baseado no trabalho escravo que humilhou e oprimiu milhares de negros, do período colonial até o fim do império, sendo abolido por meio da Lei Áurea, somente em 1888. Entretanto, a abolição do trabalho escravo não garantiu equidade social e econômica entre negros e brancos (OLIVEIRA, 2012).

Atualmente, os negros e negras ainda são a maioria nas prisões, nas favelas, nos empregos de menor remuneração, além de ser a maioria dos mortos em virtude da violência, sofrendo perseguição e discriminação racial (OLIVEIRA, 2012). Realidade esta, normalizada em um país que se diz miscigenado e que prega ser todos iguais perante a lei. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Nesse sentido se faz necessário algumas reflexões a respeito desta realidade, onde se questionam: o porquê da desvalorização do negro? Por que tantas dificuldades para a pessoa negra construir sua identidade? Qual o papel da escola na construção da identidade negra, bem como, no combate ao racismo e discriminação? Para tanto, torna-se evidente a necessidade da discussão e acolhida de ações interdisciplinar e intercultural no contexto escolar.

2.2 Interdisciplinaridade e Interculturalidade

Nessa conjuntura, é importante compreender que, um ensino que tenha como finalidade a construção de conhecimento, precisa ser contextualizado e significativo para o aluno. Para isso, é necessário que o/a discente tenha acesso a um ensino que transpasse a individualidade das disciplinas, sem fragmentação e hierarquização do conhecimento, fatores que criam barreiras entre os diferentes saberes. Segundo Fazenda (1998, p. 42),

[...] quando se coloca a questão da interdisciplinaridade, pensa-se logo num processo integrador, articulado, orgânico, de tal modo que, em que pese as diferenças de formas, de meios, as atividades desenvolvidas levam ao mesmo fim. Sempre uma articulação entre totalidade e unidade.

Diante disso, é necessário a compreensão de que um ensino interdisciplinar não se refere a desenvolver atividades que contemplem as diversas disciplinas, mas perspectivas práticas que promovam a interação entre conhecimento científico, saberes construídos através das vivências de cada indivíduo/a, integração entre saberes diferentes, e, ao mesmo tempo, ser indissociáveis na produção de novos saberes que contribuam para a transformação e emancipação do sujeito.

Em investigação de Puhl, Lorenzi Filho; Froehlich, Lara e Amaral-Rosa (2020, p. 3) “O termo interdisciplinaridade não possui um sentido único e estável”, dessa forma, segundo Fazenda (2009, p. 10 *apud* PUHL *et al.* 2020, p. 3) “[...] a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre as disciplinas, ou seja, áreas do conhecimento”.

Com efeito, o estudo interdisciplinar “[...] permite uma visão diferenciada do mundo, pois uma diversificação dos enfoques em torno do mesmo assunto permite ampliar sua compreensão, descartando alguma ideia preconcebida e abrindo espaço a ideais divergente e criativo” (ROCHA FILHO; BASSO; BORGES, 2006, p. 328, *apud* PUHL *et al.* 2020, p. 3).

Dessa forma, considera-se que, práticas pedagógicas que tenham como finalidade o amplo desenvolvimento dos alunos, devem ter como base, ações interdisciplinares e interculturais.

Assim, pode-se pensar na inserção de práticas em sala de aula de um ensino intercultural, que possibilite a igualdade e a integração de todos e todas, construindo diálogos para a convivência respeitosa e integradora entre os diferentes grupos culturais no ambiente escolar.

Contudo, para essa construção é fundamental que o professor reflita e vivencie a diversidade dos grupos raciais, culturais, sociais, desenvolvendo práticas pedagógicas que contemple essa diversidade no ambiente escolar. Torna-se entendível que:

As diferenças culturais devem estar “dentro da escola” como parte integrante das relações interpessoais e das práticas pedagógicas no âmbito do ambiente escolar, e é nesse caminho que se deve pensar as ações educativas. Ações essas que permitam o aprendizado dos diferentes sujeitos, grupos, sociedades e que respeitem e valorizem as diversidades culturais. Isso orientará a construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade (CANDAU, 2009, 2011; FLEURI, 2002, *Apud* SILVA, REBOLO, 2017, p.181).

A partir desse pensamento, entende-se que podem ser desenvolvidas aulas em uma determinada disciplina articulando-a com as demais, como História, Geografia, Artes, Língua Portuguesa, Ensino Religioso, Educação Física e outras, através de diversas atividades evidenciando a valorização do aprendizado das pessoas referenciadas no conteúdo, bem como a sua importância para a construção da história contextualizada.

É fato que, conhecer e contar as histórias de povos, civilizações e comportamentos diferentes é também conhecer seus hábitos, expressões, manifestações culturais e também físicas que, expressam a forma de encarar a vida, revelando ao mundo os valores, costumes, crenças e modos de agir, aqui neste trabalho particularizado ao povo africano.

Em certo sentido, o ensino interdisciplinar envolvendo História, Geografia, Arte, Língua Portuguesa, Ensino Religioso e Educação Física, é inevitável, pois estas, estão interligadas de forma indissociável uma da outra, visto que, arte, conto, cultura e movimento contam a história de um povo em um amplo sentido, pois é fato que, o sujeito é um ser histórico, artístico, cultural e corporal.

Considerando o contexto escolar e a temática direcionada ao racismo e a discriminação, parece acertado a obrigatoriedade de desmitificar a história do negro, contada desde a colonização pelos brancos, e em favor da branquitude, contextualizando com a realidade do aluno, promovendo reflexões sobre as vivências de cada aluno, valorizando a diversidade étnica-cultural existente dentro e fora do ambiente escolar.

Assim sendo, o objetivo foi mudar o foco marcadamente europeu, ampliando o conhecimento, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural africana,

oportunizando as relações interculturais no contexto ao qual o aluno está inserido, para que todos se sintam respeitados e valorizados, conscientes de sua importância e contribuição na transformação da sociedade e no meio em que vive.

Sobre a importância desse trabalho intercultural no espaço escolar, Araújo, Tedesco e Moraes (2006, p. 2), atentam para o fato de que,

Complexo em sua composição multiétnica e pluricultural, as organizações escolares no Brasil devem compor o espaço de garantia aos direitos de aprender e ampliar o conhecimento sobre si mesmo. A história ensinada nas escolas é um elemento formador de memória coletiva, cria noções de grupos, tempo, espaço e, portanto, torna-se uma produção de discurso identitário.

É pertinente dizer que, o Brasil é um país multicultural, ou seja, formado por diversas raças, costumes, crenças, e independente disso, devemos respeitar e valorizar a identidade cultural, histórica e étnica de cada um. Porém, o que se observa é que, muito ainda se tem que fazer para desconstruir uma história desumana de injustiças e humilhações, sofridas por negros e negras nesse país, sendo necessárias intervenções significativas que combatam ações discriminatórias e racistas dentro da escola.

No entanto, observa-se que, desenvolver ações que combatam efetivamente a discriminação racial no espaço escolar é desafiador e exige do profissional da educação uma formação livre dos conceitos etnocêntricos. Considerando que somos frutos de uma educação colonizada, eurocêntrica, o que pode comprometer a didática do professor, no sentido de transformar o ambiente em um espaço propício para discutir a importância da diversidade, da identidade cultural dos estudantes, de forma a conscientizá-los da importância do respeito e valorização de si e do outro. Neste contexto, Munanga (2005, p. 15) enfatiza que,

Sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar.

Dessa forma, entende-se que a discriminação racial no contexto escolar, vai muito além das desigualdades socioeconômicas, visto que, a identidade dos educandos afrodescendentes, bem como, a história, a cultura destes, não aparecem nos materiais didáticos, ou aparecem distorcidas e contada a partir da visão do branco,

que se coloca como superior em todos os aspectos, enquanto estereotipa a história do negro, retirando a oportunidade da coletividade conhecer a importância da contribuição dos africanos e das relações interculturais para a formação da história do Brasil. Em suma, Munanga (2005, p. 16), contribui citando que:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Mediante o exposto, trabalhar as relações de racismo no ambiente escolar não é apenas uma questão de interesse, é obrigação legal desde 2003, quando foi aprovada a Lei 10.639/2003, que determina a inserção de conteúdos de História e Cultura Afro-brasileira e africana nos currículos escolares, a fim de desmitificar e combater os estereótipos atribuídos ao negro e negra e a cultura africana. Conforme o Artigo 26 da Lei 10.639/2003:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, Art. 26).

Entretanto, mesmo com uma lei que garante essa inserção no currículo escolar, ainda nos deparamos com um ensino vago e descontextualizado sobre a História da África, bem como, cultura, religiosidade, entre outros aspectos importantes. Tal desconhecimento contribui para discriminação racial dentro da escola, onde crianças e adolescentes negros sofrem discriminação, exclusão, bullying, ou seja, violências verbais, psicológica, morais e as vezes até física, pois é entendível que as crianças veem as diferenças e sabem verbalizá-las. Portanto, pode ser comum as primeiras experiências de discriminação e racismo acontecer no espaço escolar, seja por influência familiar e/ou reproduções comportamentais de colegas dentro e fora de sala de aula.

Nesse sentido, ganha suma importância o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição escolar, onde deve trazer em sua estrutura o compromisso de desenvolver ações pedagógicas antirracistas que combatam significativamente a discriminação racial neste espaço de formação. Para tanto, essa construção deve ser coletiva e reflexiva, que oportunize aos profissionais criarem consciência da importância de práticas pedagógicas antirracistas em todo o ambiente escolar.

No que se refere ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da E.E.F. Dau Alberto, a questão racial é citada em seus princípios e valores éticos, assim, declarando:

Éticos: respeito à autonomia do aluno; ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, convicção religiosa ou quaisquer outras formas de discriminação; valorização de seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, fazendo-o reconhecer-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2021).

Constatado que o Projeto Político Pedagógico (PPP) atual da escola exposta, está em fase de construção, é compreensível o fato de não termos encontrado objetivos e ações específicos para o desenvolvimento dos princípios e valores citados acima.

Dessa forma, a fundamentação teórica, a pesquisa, as ações e os resultados da intervenção podem servir como aparato norteador a ser visualizado para possíveis registros documentais e atividades em busca da validação da execução da constituição federal e de outros dispositivos legais por parte da escola referenciada.

Diante disso, é certo que, a escola deve ser ou tornar-se, urgentemente um local de resistência, de combate e de abrigo contra a violência racial. Todavia, são necessárias mudanças no Projeto Político Pedagógico(PPP), na grade curricular, na metodologia em sala de aula, entre outras ações. Visto que, precisamos entender enquanto escola, que a violência racial escolar afeta cruelmente o presente, distorce passado e compromete negativamente o futuro do aluno negro e aluna negra, e ainda, contribui na perpetuação do Racismo Estrutural em nosso país.

3 RELATO DA AÇÃO DE INTERVENÇÃO: definição e execução do projeto de intervenção didático-pedagógica

O presente relatório teve como finalidade registrar a execução de intervenção didático-pedagógica realizada na Escola de Ensino Fundamental Dau Alberto, localizada na Zona Rural do Município de Madalena/Ceará.

Figura 1: E. E. F Dau Alberto



Fonte: Projeto de Intervenção (2021).

O projeto teve como foco principal, ações que produzissem o rompimento de discriminação racial e a valorização da identidade da criança negra na turma do 4º Ano do Ensino Fundamental I composta por 36 estudantes.

Para tanto, apresentou como objetivos específicos: a promoção de círculos de conversa colaborativa sobre a identidade negra de forma a resgatar e valorizar memórias africanas na escola e na família dos estudantes, a identificação dos traços da cultura africana na comunidade escolar. Conhecer a música popular, religião, culinária, o folclore e as festividades populares e, por fim, o despertar da conscientização para o respeito e fortalecimento da identidade e do empoderamento do aluno negro e da aluna negra.

Figura 2: Turma do 4º Ano (2021)



Fonte: Projeto de Intervenção (2021).

Em linhas gerais, para melhor relatar a intervenção, os momentos foram projetados como se seguem:

Como primeiro momento, a intervenção didática na turma do 4º Ano, aconteceu no dia 12 de novembro de 2021. Para início, foi feita uma roda de conversa com a turma, onde foi questionado o que os educandos sabiam sobre a África e os africanos? O que já ouviram falar sobre a África? E, nesse momento, ficou evidente através das falas que, as crianças pouco ou nada conheciam sobre o continente, e o que sabiam eram reproduções eurocêntricas como: *“Ah, tia! Eu sei que são os escravos que vieram para o Brasil”*¹, frase citada por alguns alunos, quando questionados. Estes, quando perguntado onde encontraram essas informações, responderam prontamente, que, veem nas redes sociais e até mesmo no material didático de História e Geografia.

Após esta interação na turma, com gosto particularizado pela exposição e forma de se expressar, além do estado atento e curioso, o que facilitou e potencializou o desenvolvimento do trabalho, bem como, a aprendizagem, foi apresentado, primeiramente, o Continente Africano, oralmente, e em seguida vimos um documentário, “África: localização, características gerais e consequências da

¹ As frases em itálico ao longo do texto, são citações orais dos estudantes, fichadas pela autora no decorrer da intervenção.

exploração”², a fim de situar e contextualizar o território. O vídeo, contudo, apesar de ser bem didático, não foi produzido para crianças, o que exigiu da professora algumas pausas para simplificar e reforçar alguns pontos.

Para apropriação do conhecimento, nesse dia, encerra-se a primeira ação da intervenção, solicitando da turma que em casa, fizessem uma pesquisa sobre a África. Logo, norteando-os de forma que alguns alunos e alunas pesquisassem sobre a culinária, outros, a religiosidade, e outros/as, a cultura, para na aula posterior, apresentarem o que descobriam para os colegas.

No segundo momento da intervenção, acontecendo no dia 17 de novembro de 2021, retomou-se com uma revisão com a participação da turma, do que foi visto na aula anterior, e em seguida, questionou-se sobre a tarefa de casa. Como resultado, observou-se que a maioria tinha realizado a pesquisa, enquanto outros, relataram dificuldades como: não tiveram acesso à internet, ou que, a família não havia disponibilizado o celular ou outro equipamento digital para a referida pesquisa.

Prosseguindo a aula, realizou-se uma roda de conversa, na qual foi exibido o vídeo “Cores e botas.”³ Previamente, foi apresentado o assunto do vídeo em resumo e pedido aos estudantes que observassem atentamente para debate, posteriormente.

Em busca da descoberta da origem dos estudantes neste momento solicitou-se uma nova pesquisa direcionada ao contexto familiar, através de consulta aos parentes buscar registros sobre as origens da família; quem eram os avós e bisavós; de onde vieram; qual o trabalho; como chegaram a comunidade. O objetivo foi produzir um pequeno texto expositivo para o momento seguinte.

Dia 18 de Novembro retornamos para mais uma tarde de aprendizagens significativas e emancipadoras sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. Em suma, iniciou-se apreciando a tarefa de casa (produção textual) sobre a família. Neste dia esteve projetado a exibição do vídeo de curta metragem, “A influência africana na cultura brasileira.”⁴ Posteriormente, a turma seria convidada a conhecer instrumentos musicais de origem africana, presentes na escola.

² Disponível em: <<https://youtu.be/f35cIAhOJO4>>.

³ Disponível em: <<https://youtu.be/LI8EYEygU0o>>.

⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/lk-QEYRQG4M>>.

Penúltimo dia, 19 de Novembro 2021, foi o dia de conhecer fatos da literatura africana e algumas personalidades negras, como, Maria Firmina dos Reis, Nelson Mandela, Dandara de Palmares, Tia Seata, e outros, a fim de construir conhecimento, respeito e valorização da pessoa negra. Os estudantes foram convidados a lembrar de personalidade negras e suas histórias. Para tanto, o dia trouxe a apresentação do documentário “Personalidades Negras que fizeram história⁵.”

Quanto a literatura, o dia se fez oportuno para a amostra de diversos contos, como: “Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre”, de Janaina Amado; “As panquecas de Mama Panya”, de Mary e Rich Chamberlin; “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado; “O pequeno príncipe preto”, de Rodrigo França; “A África de Dona Biá”, de Fábio Gonçalves Ferreira; “Meu crespo é de rainha”, de Bell Hooks.

Considerando a relevância dos contos literários para a intervenção, o projeto propôs que todos tenham conhecimento, assim sendo, a turma foi dividida em 6 grupos, onde cada equipe disponibilizou de tempo para ler e discutir sobre o conto, para em seguida, ler para os demais grupos e falar sobre as percepções adquiridas.

Último momento da intervenção, dia 22 de novembro de 2021, foi o fechamento dos estudos, iniciados com debate e reflexão sobre identidade, discriminação racial, respeito e valorização de si e do outro. Seguido pela apresentação resumida da Lei Nº 7.716/1989. E, no momento posterior, a contação da história “Pretinha de neve e os sete gigantes”, de Rubem Filho.

E, finalizando este último momento, foi apresentado o vídeo: “Meu crespo é de rainha⁶”, de Bell Hooks. Encerrou-se o projeto de intervenção com os alunos e alunas em grupos, produzindo enfeites para figuras impressas de cabelos afro.

⁵ Disponível em: <<https://youtu.be/fv5De7A5cUY>>.

⁶ Disponível em:< <https://youtu.be/B4XuuYOnVhQ> >.

4 RESULTADOS E AVALIAÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

No decorrer das ações da intervenção, foram observadas várias reflexões dos alunos participantes. Assim sendo, na primeira roda de conversas, em 12 de novembro de 2021, inicialmente, com a apresentação da África, através do documentário, “África: localização, características gerais e consequências da exploração”, começou-se colher de umas crianças comentários, como: “[...] Não sabia que o Egito ficava na África”, enquanto outras, surpresas, falaram que não sabiam que na África tinham praias, tampouco, sabiam que era um continente, e não, um país.

Após algumas intervenções explicativas sobre o motivo de não saberem sobre a África, percebe-se que a turma começou a criar um olhar particularizado sobre os africanos e suas características.

Neste momento, pode-se reconhecer que a intervenção se iniciou por caminhos práticos, simples e didáticos, resultando na imersão de possibilidades para a turma de 4º Ano, portanto, aguçando a atenção e a curiosidade nos estudantes. Oportunamente, lançou-se desafio de pesquisa para os alunos: pesquisar sobre a África e os africanos para apresentação oral.

No dia 17 de novembro, segundo momento da intervenção, começamos a visualizar, concretamente, o impacto da intervenção na sala de aula. Feita a proposta de estender o aprendizado aos alunos através de pesquisa direcionada as características dos africanos, os estudantes superaram as expectativas.

Portanto, em meio às adversidades do contexto de cada aluno, ao convidar as crianças que realizaram a pesquisa para fazerem o relato do que leram e conheceram, todos tinham produzido um pequeno texto no caderno e, quando questionados que seria apenas oral não necessitando de registros, responderam que “[...] era para não esquecer o que tinham descoberto”. Embora, solicitado apenas que relatassem, sem a necessidade da escrita, no entanto, eles preferiram fazer um pequeno texto sobre o que encontraram.

Foi um momento interessante, pois, alguns deles/as estavam empolgados/as por terem encontrado na culinária africana, pratos que eles conhecem, já comeram e até, “[...] minha comida favorita, que é feijoada!”, citou uma criança animada com a descoberta. Enquanto outra, ao ler sobre a religiosidade africana, falou que tinha ficado com um pouco de medo porque achou estranha e “[...] parecia macumba”.

Instante que mereceu uma pausa para falar sobre a religiosidade africana, desmitificando o que eles sabem sobre o candomblé, um momento de grande aprendizagem, onde eles e elas fizeram bastantes perguntas, e a medida que ia sendo explicado, foi perceptível a mudança na visão de alguns, enquanto que, outros/as, ainda tinham alguns receios.

Na mesma data, após as apresentações oral, assistiram ao vídeo “Cores e botas”, ao término, vários alunos queriam falar sobre o vídeo, e percebi, todos bem sensíveis aos acontecimentos na vida de “Joana”, protagonista do documentário.

Após ouvi-los, continuei questionando-os, agora, sobre a cor de cada um. Todos e todas se olharam imediatamente, então, um de cada vez foi respondendo: “*Sou pardo(a)!*”, “*sou branco(a)!*”, “*sou moreno, mas quando pego muito sol, fico queimado!*”. Estas foram as falas de praticamente toda a turma, visto que, apenas uma criança respondeu: “*Sou negro, tia. Minha família é toda negra!*”. Continuei questionando-os sobre o porquê de acharem que tem aquela cor, e nesse instante, tive respostas diferentes e também parecidas, onde alguns citam que: “*minha mãe fala que sou dessa cor.*”; “*minha mãe é morena, mas ela não gosta de negro.*”. Estas foram algumas respostas das crianças.

Nossa conversa continuou, aproveitei para falar sobre a formação do povo brasileiro, e vi que muitos ficaram surpresos quando falei da mistura de raças e da cor negra. Fizemos muitas reflexões, em seguida, alguns alunos e alunas levantaram a mão e começaram a falar: “*Professora, sou negra!*”, “*sou negro!*”, “*meu pai é negro!*”, entre outras falas. E quando questionava-os/as, sobre se haviam sofrido alguma discriminação na escola ou fora dela, vários deles/as citaram apelidos que recebem (mesmo os/as que se consideram pardos e pardas).

Face ao exposto, um fato chamou a atenção de todos, o aluno que citou inicialmente ser negro, revelou que já sofreu e que sofre discriminações de colegas dentro da escola e em outros ambientes. Ele fez vários relatos, sem citar nomes dos colegas (pedido meu), mas o que chamou a atenção, foi o fato de que nesse momento, uma aluna (que se considera parda), espontaneamente, levantou a mão e perguntou se podia falar. Em sua fala ela disse que: “*Professora, preciso pedir desculpa ao colega[...], pois eu era uma das pessoas que não queria brincar com ele, e também não gostava de sentar perto dele. Eu até chamei ele de apelido algumas vezes. Eu não fui uma boa pessoa, né tia? Me desculpa, [...]*”.

Aproveitamos o momento para fazermos muitas reflexões juntos, e todos e todas tiveram a oportunidade de falar, opinar e perguntar, resultando em grande aprendizado, não momentâneo, mas, para o resto da vida. Vale ressaltar que até mesmo os mais reservados e reservadas sentiram-se a vontade para citar exemplos de discriminação que vivenciaram ou presenciaram.

Diante da interação, empreendeu-se uma nova pesquisa. Os alunos e alunas receberam um convite para consultar a família objetivando descobrirem sobre sua origem familiar; quem eram os avós e bisavós; de onde vieram; qual o trabalho; como chegaram a comunidade e outros fatos relevantes da família.

É notório que, em consequência do tempo e também do contexto atualmente vivenciados pelos alunos e alunas, a proposta da pesquisa familiar seria mais um grande desafio. Portanto, apenas alguns alunos/as conseguiram realizar de fato a pesquisa, conversar com a família e produzir o texto.

Os alunos e alunas que conseguiram produzir seu texto, mesmo curtinho, fizeram descobertas interessantes, como, uma aluna que descobriu ser bisneta de uma neta de indígena (segundo ela). Uma outra aluna descobriu que a família paterna e materna é formada por afrodescendentes (pai, mãe avôs, avós, bisavô, bisavós), sendo que, ela é branca, devido a um bisavô (o único branco) da família.

Nesse contexto, foram vários os relatos e descobertas das crianças, que possibilitaram-me, fazer intervenções importantes e construtivas.

Figura 3: Exposição da origem familiar



Fonte: Projeto de Intervenção (2021).

Entretanto, um dado importante revelou-se, os alunos e alunas que não conseguiram produzir o texto alegaram que a família não sabia responder sobre a história e origem dos avós, bisavós, que nunca tinham perguntado sobre isso, ou que pouco conseguiam falar sobre, ou ainda, que não tinham conhecido ou ouvido sobre seus ancestrais. As informações apresentam um declínio na cultura de preservação histórica familiar ou falta de repasse às novas gerações das histórias familiares.

Como resultante do terceiro momento, no dia 18 de novembro de 2021, após conversa sobre a cultura africana e afro-brasileira e apresentado o vídeo sobre “A influência africana na cultura brasileira”, novamente voltamos para a realidade da turma que logo se identificou com a música, culinária e outras características africanas, relatando vivências e constatando a presença destas no cotidiano.

Ficaram empolgadíssimos/as quando apresentei alguns instrumentos: berimbau, pandeiro, cuíca, atabaque, tambor e afoxé, disponíveis na escola, mas que eles não tinham tido a oportunidade de conhecer. Foi uma animação geral, apesar de não saberem usar a maioria deles, todos ficaram surpresos por já conhecerem alguns instrumentos, e não saberem que eram de origem africana. Alguns e algumas até se arriscaram a tocar o pandeiro, o tambor e os demais instrumentos disponíveis. Assim, encerramos o dia de aprendizagens.

Convém ressaltar que os/as estudantes neste momento observam que o seu cotidiano está repleto de características africanas e que muitas vezes sentimos a musicalidade afro ressoar em nós, o sabor da culinária e até mesmo visualizamos a beleza do colorido nas nossas roupas, bem comum nos vestuários do povo africano.

Prosseguindo as ações do projeto de intervenção, como resultado do conhecimento e valorização da pessoa negra, o dia 19 de novembro trouxe literatura africana por meio de contos, e ainda, algumas histórias de personalidades negras.

Nessa contextura, iniciamos conversando sobre as personalidades negras que os alunos e alunas conheciam, e quando pedi que citassem o nome de alguma personalidade negra que já viram nas mídias sociais, entretenimento, revistas e livros, gerou um instante de profundo silêncio na sala. Presume-se que o silêncio veio, sem dúvidas, pelo fato de que, quando se fala em pessoas famosas, vem logo na lembrança diversas imagens mas, provavelmente de pessoas brancas, tendo em vista o eurocentrismo colonial enraizado em nosso país, e que muitas vezes promove maior visibilidade e oportunidades para as pessoas brancas.

A reflexão está embasada (e não somente), na fala de algumas crianças que refletiram um pouco e logo falaram: *“Nossa, tia! É difícil! Tô aqui pensando, pensando, lembro de pessoas brancas e pardas, mas negro é mais difícil.”* Enquanto que outra, corroborou completando: *“Sim, professora, agora percebo que quase não vemos pessoas negras famosas.”* Em seguida, alguns citaram Barack Obama (ex-presidente dos EUA), e um deles citou Pelé, outros, Neymar, e logo encerramos as lembranças.

Após refletirmos um pouco sobre o motivo da dificuldade deles de visualizar personalidades negras, nesse breve relato, convidei-os a assistirem ao documentário *“Personalidades Negras que fizeram história”*⁷. Ao final do documentário, ficou visível a admiração de alguns pelas pessoas apresentadas no vídeo, além do total desconhecimento delas, por qualquer pessoa e história, vistas ali.

Dando continuidade ao dia, aproveitei o momento para apresentar os contos inseridos no projeto para a turma apreciar, já citados na sessão anterior: *“Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre”*, *As panquecas de Mama Panya*, *“Menina bonita do laço de fita”*, *“O pequeno príncipe preto”*, *“A África de Dona Biá”*, *“Meu crespo é de rainha”*.

Os grupos subdivididos para leitura e apresentação das percepções levantaram diversas reflexões, cada grupo se empenhou na leitura e compreensão da história. Vale destacar aqui, a fala de um aluno que leu *“Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre”*, sendo que, ao final da apresentação do grupo ele falou: *“Professora, eu já tinha escutado falar no Zumbi, mas eu tinha um pouco de medo dele, não sei porque, mas eu achava estranho. Hoje que eu vi que ele era um menino do bem que só queria ser livre, e ainda criou um reino só dele!”*.

Percebe-se, que são a partir de registros verbalizados como este, que observamos a desconstrução de fatos equivocados presente no cotidiano dos estudantes.

Um outro conto que chamou bastante atenção de todos, foi *“As panquecas de Mama Panya”*. Todos ficaram atentos, por ser uma história totalmente desconhecida deles. Ao finalizar a história, iniciamos uma conversa sobre o que os estudantes haviam notado de diferente na história do país em que se passa o contexto. Alguns observaram as roupas de Adika e Mama Panya e uma aluna, espontaneamente, falou: *“Nossa, que roupas lindas! Eles se vestem muito bem! Queria ter roupas assim.”*

⁷ Disponível em: <<https://youtu.be/fv5De7A5cUY>>.

Enquanto que outra observa: *“Adoro roupas coloridas!”* Outros comentaram sobre o comércio ser diferente do que eles estão acostumados a ver, enquanto duas alunas chamaram a atenção para a solidariedade e amizade entre os personagens da história, alguns citavam orgulhosos, que sabiam fazer as famosas panquecas, e que fazem parte do cotidiano deles. Nesse cenário, tivemos uma tarde de conversas e reflexões sobre cada história apresentada, com diversas indagações e observações feitas pela turma.

Último dia, 22 de novembro de 2021. Como resultante do debate e reflexão inicial sobre identidade, discriminação racial, respeito e valorização de si e do outro, bem como a compreensão da Lei 7.716 que diz ser de importância fundamental o respeito e a valorização de todas as culturas. Um aluno (aquele único que se intitulou negro, no início da intervenção) pediu a palavra e falou com bastante entonação: *“Tia, eu já gostava de ser negro, mas agora tenho ainda mais orgulho da minha cor, e da cor do meu povo. Nós somos só vitória”*. Em meio a interação, concluída a frase pelo aluno, os colegas o aplaudiram, espontaneamente (sem minha intervenção), o que me deixou bem satisfeita, considerando que, eles entenderam a importância do que o colega falou.

Prosseguindo, outros colegas usaram a palavra, na qual um deles argumentou: *“Eu não gostava muito de ser negro, e minha mãe sempre diz que sou pardo, e as pessoas gostam de apelidar as pessoas negras, por isso não gostava, mas agora sei que sou negro e gosto dessa cor”*, falou olhando para o próprio corpo. Uma coleguinha ainda citou: *“Nós somos todos iguais, não deviam tratar as pessoas diferentes por causa da cor. Para mim, não faz diferença se é verde, amarelo, branco, preto ou vermelho. Todas as cores são bonitas”*. Enquanto uma outra completa: *“Feias são as pessoas de coração ruim, que não respeitam os outros e que maltratam as pessoas”*.

Diante dos diálogos, percebe-se que as crianças ao longo da intervenção se apoderaram dos conhecimentos adquiridos e se empoderaram da cultura e valores africanos presentes em sua comunidade escolar, assim, sendo transformadores potenciais de suas comunidades e círculo familiar.

Após o encerramento das falas e realizada a contação da história "Pretinha de neve e os sete gigantes", de Rubem Filho, com a biografia do autor, com a finalidade de comparar e conhecer contos de fadas tendo a África como cenário e contexto.

Em seguida tivemos a leitura e dramatização da história, (onde todos queriam ser a protagonista), dividiu-se a turma em grupos, determinado um tempo para organização, e posterior apresentação.

Elencou-se um momento de grande empolgação e empenho de todos, seguido de reflexões e debates sobre a história e a relação com as vivências da turma, na qual, alguns alunos se identificaram com a história, enquanto que, foi possível observar a modificação da visão de outros alunos.

Posteriormente, após assistirem a um último vídeo “Meu crespo é de rainha”, conversamos sobre o cabelo crespo e sua beleza, onde mais uma vez todos tinham considerações a fazer. Em seguida, a turma foi dividida em grupos, novamente, pedi que produzissem, enfeitando cabelos afro.

O resultado, foi um lindo trabalho artístico, onde ao término, eles e elas olhavam orgulhosos, para suas produções. Um momento de singular reflexão, valorização e construção de identidade, visto que, muitas vezes os cabelos de afrodescendentes considerados crespos, independente de idade são “[...] identificados como cabelo “ruim”, primeiro pelas mães, que internalizaram o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhas, que põem os mais variados apelidos nas trancinhas e nos cabelos crespos ao natural” (SILVA, 2005, p. 28).

Figura 4: Produção artística das crianças



Fonte: Projeto Intervenção Didática-pedagógica (2021).

Assim, finalizamos a intervenção didática, que além das ações disponibilizadas, projetavam-se outras, como: uma roda de conversa com os pais, a realização de apresentação de capoeira, um desfile na quadra da escola a fim de empoderar as belezas negras presentes na instituição, e ainda, apresentação teatral de um grupo da turma.

Notadamente, não foi possível a realização em detrimento de diversos fatores, como: o contexto da Covid-19, falta de tempo que proporcionasse maior intervalo entre as ações e o fato de que a escola estava em período de conclusão dos trabalhos administrativos e letivos com as avaliações finais, entre outros.

Mediante o exposto, as falas e ações descritas acima, percebe-se que a problemática da discriminação racial foi enfatizada e alguns pontos equivocados desconstruídos como resultado do trabalho de intervenção.

Diante do relato acima, considera-se que o presente projeto de intervenção pedagógica contribuiu significativamente para a mudança comportamental dos alunos e alunas com relação a discriminação, agindo na desconstrução do racismo, da intolerância, do “achismo” de superioridade de raça e práticas racistas no ambiente escolar.

Todavia, com o propósito de combater a produção e reprodução da discriminação racial no cotidiano escolar, compreende-se que novas intervenções didáticas pedagógicas em sala de aula são necessárias, através de práticas interdisciplinares e interculturais que promovam reflexões e conhecimento amplo sobre a história da África e cultura Afro-brasileira, bem como, a diversidade cultural em nosso país.

Assim, compreende-se que o espaço escolar pode se posicionar quanto ao combater as práticas de discriminação causadas pela desinformação e distorção com base no eurocentrismo enraizado na nossa história e no dia a dia do povo brasileiro, e que adentra à escola de forma velada ou explícita atingindo cruelmente a criança e/ou os adolescentes negros e negras.

Conhecer a história e cultura africana, as personalidades negras e obras infantis, contextualizando com os saberes, a origem, territorialização e vivências do aluno, agregam ao processo de ensino e aprendizagem um conhecimento fundamental para trazer perspectivas positivas sobre o povo negro e a identidade da criança negra na sala de aula, para promoção de um ensino mais justo, igualitário e emancipador.

Dessa forma, é essencial que o ensino antirracista possa estar presente desde o início da escolarização das crianças até a fase adulta para que haja a mudança dessa visão estereotipada e fantasiosa da pessoa negra, distorcida pelos discursos administrativos como um ser que ao longo dos anos foi apresentado sendo selvagens, pobres, inferiores e desprovidos de conhecimento, história e cultura (MUNANGA, 2005).

Nesse sentido, considera-se que os resultados deste projeto, foram positivos, significativos e transformadores, pois, observa-se que houve a construção de conhecimento sobre a importância da não discriminação racial, da valorização e respeito do aluno negro e da aluna negra na sala de aula. Igualmente importante é a construção da aprendizagem desmitificada sobre a África e os afrodescendentes, acontecendo assim, a mudança de pensamento e forma de agir de alguns alunos, possibilitando que estes, passem a agir a partir de agora, no combate da discriminação dentro e fora da escola, modificando o ambiente no qual estão inseridos, construindo relações mais iguais e justas.

Vale ressaltar também, o caráter interdisciplinar das ações que se desenvolveram, como já citado, envolvendo diferentes áreas do conhecimento. Portanto, trabalhado em conjunto as disciplinas de História, Geografia, Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso, onde se complementaram e se interligaram, constatado, respectivamente pelos registros históricos em obras e mídias digitais, pelos mapas e recursos de localização mundial, pela linguagem e literaturas, pela música, cultura, comportamentos e tradições.

É fato que, a experiência da Intervenção didático-pedagógica na sala do 4º ano da Escola Dau Alberto veio agregar na minha formação docente um conjunto de conhecimentos de áreas afins que puderam dialogar entre si em diversas formas a cada ação proposta. Mas, muito mais relevante, veio alertar para a continuidade futura do projeto, considerando que estes alunos foram neste momento agraciados, porém, muitos outros passarão por minha sala de aula.

Para tanto, preciso a partir de agora, com o novo olhar que tenho, replicar intervenções desta natureza para que uma semente seja plantada no agora para que amanhã vários frutos sejam colhidos: o fruto da justiça, da valorização da identidade, do respeito e do autorrespeito, etc.

Assim, com o olhar particularizado, resultante da observação, dos sentimentos nos alunos que afluíram em cada ação e muito da audição pelos

comentários que surgiram em sala de aula, acredita-se que na intervenção foi promovido grandes e amplos aprendizados em nossos educandos direcionados à intercultura, especificamente na comparação da africana e a afro-brasileira, quando fomentamos o conhecimento e a valorização das diferentes culturas, suscitando nos estudantes, uma visão crítica e reflexiva acerca das diferenças e do respeito de si e do outro. Neste contexto, minimizando as visões estereotipadas e etnocêntricas que objetivam a superiorização de uma única cultura, e que ainda persiste em nosso país.

No que se refere as dificuldades encontradas no decorrer das ações, considero que, a principal delas, foi a pesquisa e escolha de material para o desenvolvimento, como, vídeos, documentários, pois, são pouquíssimas as produções disponíveis que enfatizam o continente africano e os afrodescendentes sem uma visão limitada, deturpada e rasa. Apesar de estarmos extremamente interligados à África, sermos afros na essência, e diariamente convivermos com formas de expressão em todas as vertentes da vida brasileira que, visivelmente, tem inspiração africana, pode-se dizer que ainda persiste tentativa de “camuflagem”, que leva ao desconhecimento.

Vale ressaltar ainda, a falta de acesso às mídias tecnológicas no cotidiano das crianças, que dificultam a pesquisa, e ainda mais grave, o desinteresse de algumas famílias, em conhecer, preservar e repassar as crianças, as memórias, a história, a origem familiar, dificultando o resgate cultural e histórico das gerações contemporâneas, bem como, a identidade destas.

Nota-se, uma certa ruptura nas famílias, que não veem como importante essa preservação, que além de auxiliar as crianças a entender quem são, valorizar e conhecer as raízes da história de cada uma, essas conversas com criação de memórias podem proporcionar momentos preciosos em família.

Por fim, considerando todo o exposto neste, este projeto de intervenção na sala de aula do 4º Ano da Escola Dau Alberto, tornou-se fundamental na construção de uma educação mais igual e de valorização a todos, e que tem o aluno como sujeito do processo de ensino e aprendizagem. Com efeito, ao promover práticas pedagógicas antirracistas e antidiscriminatórias, estamos trabalhando para desconstruir a discriminação racial na sociedade, visto que, formamos crianças para o exercício de uma cidadania igualitária, oferecendo os métodos e ferramentas para transformar o meio no qual estão inseridas.

Importante frisar que nessa contextura, encontramos um importante fato, o currículo contextualmente desatualizado e com uma certa “colonialidade velada”, com materiais didáticos monoculturais, que por vezes, traz as questões étnico-raciais apenas em datas específicas, como o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. Deixando à margem do cotidiano escolar dos alunos durante o restante do ano letivo, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Desafio a ser enfrentado com ações que garantam mais aproximação dos conhecimentos interligados entre culturas.

Na perspectiva de uma educação igualitária e transformadora, o desenvolvimento de ações interdisciplinares e interculturais foram essenciais para a construção de aprendizagens amplas, que ao transporem as imposições dos bloqueios das disciplinas, mostra que, é possível o trabalho em conjunto e interligado entre Geografia, História, Língua Portuguesa, Artes, Ensino Religioso, Educação Física, dentre outras.

Portanto, ao estudar nossa história, ou a história de outros povos, estamos concomitantemente estudando o território, a cultura, a linguagem, a escrita, a religião, o corpo, a arte, os hábitos, entre outros, tornando tais disciplinas indissociáveis. Simultaneamente, estamos conhecendo com a mesma exatidão que conhecemos a cultura ocidental, valorização e eficiência, os saberes não ocidentais, quando conhecemos com profundidade a cultura do africano/a e afrodescendente.

Sabe-se que estes, foram e são essenciais para a nossa construção enquanto sociedade, enquanto formação, além de construir a valorização, o respeito e o diálogo entre as culturas distintas e, dessa forma, fomentou um ambiente acolhedor e de relações saudáveis, além de ter promovido melhoras significativas nos índices educacionais da instituição. Ao mesmo tempo, melhorou-se também os índices da rede pública de ensino do município ao qual se inseriu o projeto, possibilitando um olhar reflexivo e diferente sobre a realidade e contexto dos/as estudantes a longo prazo e de forma combativa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fábio Martins de; MORAES, Cristina de Cássia Pereira de; TEDESCO, Maria do Carmo. **Projeto de pesquisa: África, afro descendentes e o Ensino de História.** **Untitled**, 2006. Disponível em: <https://projetos.extras.ufg.br/conpeex/2006/porta_arquivos/prolicen/00021053F%C3%A1bioMartinsdeAra%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. MEC. **Lei n. 10.639/2003**, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, DF, 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 24 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 7.716/1989**, de 05 de dezembro de 1989. Brasília, DF, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 14 set. 2021.

FAZENDA, Ivani.C.A.(Org). **Didática e interdisciplinaridade**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998. 192p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Letícia Coelho de. **O racismo na sala de aula: uma intervenção com Professoras da rme/bh**. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VRNS-9PFRMC/1/universidade_federal_de_minas_gerais.pdf. Acesso em: 24 de fev. 2021.

PPP – Projeto Político Pedagógico. Escola de Ensino Fundamental Dau Alberto, 2021.

PUHL, Cassiano Scott et al. Interdisciplinaridade: Experiência com os estudantes de Ensino Médio sobre sustentabilidade. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 15, n. 3, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: < https://ieadava.unilab.edu.br/pluginfile.php/53319/mod_resource/content/1/v15_n3_a2020.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. *In*: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

SILVA, Vanilda Alves da; REBOLO, Flavinês. A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 18, n. 1, p. 179-190, jan./mar. 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar**. Biblioteca digital, 1994. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8948/000304120.pdf>>. Acesso em: 24 de fev. de 2021.

ANEXO A – Recursos audiovisuais

Quadro 2: Breve descrição dos recursos audiovisuais

TÍTULO	SINOPSE	
Vídeo: África: localização, características gerais e consequências da exploração – Professora Prissilla Mello	Nessa aula estudaremos um pouco das características físicas do continente africano, sua localização, suas belas paisagens, a regionalização em África do Norte e África subsaariana e as consequências da exploração colonial e imperialista. Falaremos sobre o que significa a palavra Ubuntu. Fonte:< https://youtu.be/f35clAhOJO4 >	
Documentário: A influência africana na cultura brasileira – Professora Neidiana Xavier	Quais as influências que os africanos trouxeram para a formação cultural do Brasil? Quais os tipos de dança, música, e culinária os africanos trouxeram para contribuir para cultura de nosso país. Fonte:< https://youtu.be/lkQEYRQG4M >	
Documentário: Personalidade negras que fizeram história	A história é repleta de personalidades negras que foram importantes nas mais diversas áreas, apesar das adversidades. São pessoas pioneiras que fizeram história e muitas delas talvez você não conheça! Então venha com a gente. Fonte:< https://youtu.be/fv5De7A5cUY >	
Cores e Botas/Sinopse do filme	Joana tem um sonho comum a muitas meninas dos anos 80: ser paqueta. Sua família é bem sucedida e apoia seu sonho. Porém, Joana é afrodescendente e nunca houve uma paqueta de sua cor no programa da Xuxa. Fonte:< https://youtu.be/Li8EYEygU0o >	
Meu Crespo é de Rainha - História Infantil	Uma história sobre a cultura afro brasileira. Fonte:< https://youtu.be/B4XuuYOnVhQ >.	

ANEXO B – Carta de apresentação a instituição



Ministério da Educação

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino
Fundamental e Médio**

CARTA DE APRESENTAÇÃO

À DIREÇÃO DA: Escola de Ensino Fundamental Dau Alberto.

DA: Coordenação do curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio

Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya

ASSUNTO: SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO- PEDAGÓGICA

Sr./a. diretor/a, em acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Especialização em Metodologias Interdisciplinares e Interculturais para o Ensino Fundamental e Médio, do Instituto de Educação a Distância da Unilab que prevê a realização de intervenção Didático-Pedagógica (16h) como parte integrante da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), solicito autorização para que a estudante Atenias Lima de Mesquita, sob número de matrícula 2020200174, possa desenvolver a citada intervenção nessa instituição escolar.

Informo ainda que a estudante em questão realizará essa intervenção Didático-Pedagógica sob a orientação de um/a professor/a vinculado ao nosso curso de especialização (ver anexo).

Colocamo-nos à disposição para esclarecer eventuais dúvidas.

Atenciosamente,

Coordenador do Curso

Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya

Acarape/CE, - 04 de fevereiro de 2021.